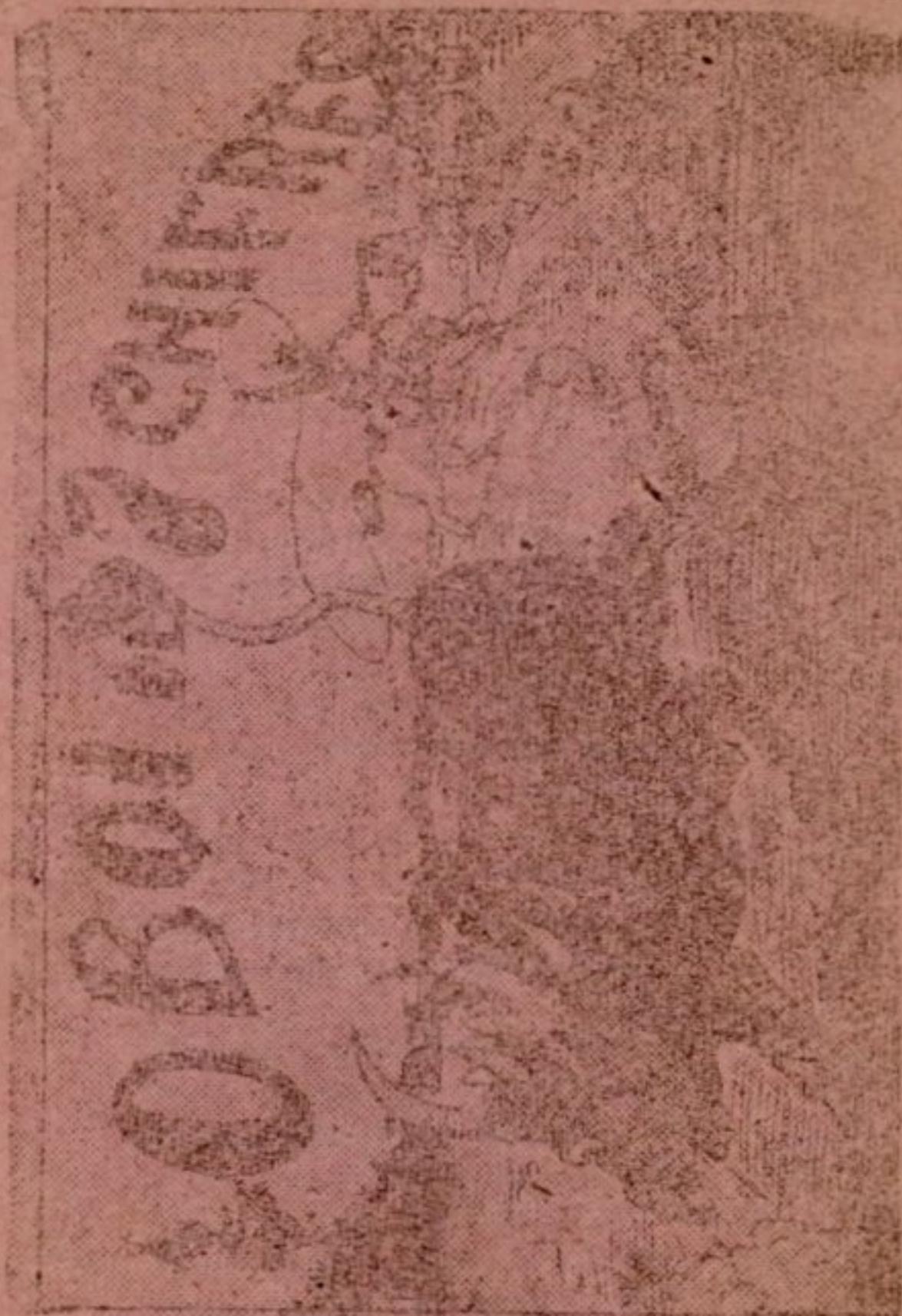


O Boi de Sete Chifres



Preço Cr \$1.50

Autor: Rodoifo Coelho Cavalcante

SALVADOR

cat. 668

BAHIA

O BOI DE SETE CHIFRES

No sertão do Piauí
Residia um fazendeiro
De nome Pedro Fernandes
Homem de muito dinheiro
Viuvo capitalista
De Amarração á Paulista
Conquistava o povo inteiro

Tinha ele uma só filha
Que dedicava afeição
Lúcia era a unica herdeira
Do seu pai de criação
O fazendeiro lhe amava
E a ela confiava
Toda a sua transação.

Lúcia era uma menina
De uma beleza sem igual
Corpo bem feito e delgado
D'um semblante colossal
Porem sua natureza
Desfigurava a beleza
Perdendo o brilho total

Foi na Fazenda do Ouro Preto
Que morava este senhor
Residindo com a filha
Conforme disse ao leitor
Deu-se um episodio profundo
Uma lição para o mundo
Que causa tristeza e dor

Lúcia era vaidosa
Orgulhosa e traiçoeira
Com a vista na fortuna
Que contava como herdeira
Só queria ser granfina
Era antipática a menina
Na expressão mais grosseira

— Ela naquela fazenda
Quasi com ninguém se dava
Meninas da sua idade
Nenhuma dali brincava
Com Lúcia, por ser pedante
Sua figura galante
Com estreza não brilhava

Quando ia a Terezina
Do Estado á capital
Queria bancar granfina
Porém só se dava mal
Não querendo andar a pé
Levava o cabriolé
Puxado por um animal.

Se sentava parecendo
Uma nobre baroneza
Com seu chapéu de algodão
Julgando ser uma princeza
Quando o carricél entrava
Na Capital, quem olhava
Sorria da sua proeza.

Um certo dia chegou
A mão ea fatalidade
Morreu o rico viuvo
Deixando a todos saudade
Era um velho conhecido
Da toda gente querido
Naquela localidade

Lucia quasi não chorou
Fez o enterro num dia
Com menos de quatro mezes
Recebeu o que possuia
Todos negocios tratou
Daí então começou
Fazer o que bem queria

Vendeu primeiro a fazenda
Ouro Preto em que morava
Vendeu mais propriedades
Que do velho pai herdava
Depois vendeu todo gado
Fazendo grande apurado
Quarenta contos somava.

Ao depois que ela vendeu
Todo gado da fazenda
Faltava vender um boi
Sendo este o fim da venda
Lúcia com bastante gosto
Não esperava o desgosto
Que appareceu de encomenda

Era um boi de sete chifres
Que na Boa Fé pastava
O comprador deste boi
Boa quantia lhe dava
Porém depois de pegado
Lucia disse: está fechado.
Dizendo que o entregava

Mandou chamar os vaqueiros
Agostinho Potifar
Chico Lopes Né Cassóte
Para o tal boi procurar
Estes não deram roteiro
Apesar do bom dinheiro
Que cada um ia ganhar

Lucia desta vez gastou
Quasi uns quinhentos cruzeiros
E ainda prometeu
Publicamente aos vaqueiros
Aquele que o boi pegasse
Com ela ia casar-se
Se caso fosse solteiro.

Lucia com menos de um mez
Já tinha tudo vendido
E o dinheiro do apuro
Já tinha muito perdido
Quem ia casar com ela
Pois era tolice d'ela,
O que tinha prometido

Os mesmos vaqueiros foram
Encontraram o boi deitado
O animal quando viu
Que estava sendo cercado
Com seus gestos mandigueiros
Atacou os tres vaqueiros
Fazendo um estrago danado

Derrubou o Né Caçote
Em uma moita de espinhos
Chico Lopes d'uma queda
Nã: acertou o caminho
Agostinho Potifar
Antes do boi lhe atacar
Chamou o boi meu padrinho

Lucia quando soube disto
Indignou-se da sorte
Disse: eu agora pego o boi
Nem que meu destino entorte
Me caso até com o diabo
Mas esta mandinga acabo
Nem que enfrente a propria morte

Eu dou mais dois mil cruzeiros
A'quello que o boi pegar
Venderei minha propria alma
Ao diabo se comprar
Ainda faço matrimonio
Até mesmo com o demonio
Se o boi ele me entregar

No outro dia seguinte
Que Lucia disse esta asneira
Apareceu o demonio
Na casa da fazendeira
E com sua grande astucia
Foi dizendo dona Lucia
Vim pegar o boi mandigueiro.

Disse Lucia : quem é o senhor?
Respondeu o diabo : senhora
Eu me chamo : Burburinho
Perguntou Lucia : onde mora
Disse o demonio : é na Brasa
Quer conhecer minha casa ?
Depois eu levo a senhora.

Disse Lucia : veio disposto
Pegar o boi mandigado
E' um boi de sete chifres
Que me tem atormentado
Gastei tudo quanto pude
Quero que o senhor me ajude
Que será gratificado

Disse o diabo : não senhora
Não quero gratificação
Apenas quero o que disse
De me dá seu coração
Pois prá isto aqui cheguei
Tambem seu boi pegarei
Pois tenho disposição

Disse Lucia: Cavalheiro
O que prometi eu faço !
Então o maldito disse:
Agora dê-me um abraço
Lucia inocente o abraçou
Burburinho se montou
Saiu, do boi o encalço.

Caros leitores a donzela
Tinha uma certa devoção
Com sua santa madrinha
A virgem da Conceição
A noite, Nossa Senhora
Lhe disse: filhinha agora
Venho em tua proteção

Não vim antes em teu auxilio
Porque devias pagar
O teu viver orgulhoso
Redobrou o teu penar
Todos sofrimentos teu
Pede perdão ao bom Deus
O teu delito pagar.

«Burburinho» minha filha
E' o grande espirito do mal
Por isto que vens gastando
Teu riquissimo cabedal
Teu coração orgulhoso
Atraiu um criminoso
Para um fim triste fatal

Retira-te desta fazenda
Hoje mesmo sem demora
Oria juizo minha filha
Antes da «ultima hora»
Lucia então despertou
A visão se retirou
Ela chorou nesta hora

Dois contos era o dinheiro
Que do apurado sobrava
Ela muito arrependida
Sozinha mesmo chorava
Mudou-se no mesmo dia
Foi residir na Bahia
Pouco recurso restava

O boi com menos de um mez
Foi morto num cipoal
Bem perto da Boa Fé
Duas leguas prá Natal
Foi uma cousa mesmo incrível
Parecendo que o invisível
Tinha amarrado o animal

R — iqueza mal aplicada
O — seu fim é perdição
D — inheiro não ganha o céu
O — uro não compra perdão
L — ucia não soube viver
F — icou sozinha a sofrer
O — s erros de sua ação